

PARECER B

Artigo ID: 24407

Completo em: 2026-06-04 04:11 PM

Recomendação: Correções Obrigatórias

O artigo apresenta uma reflexão teórica consistente sobre as relações entre etnografia urbana, fotografia de rua e alteridade, mobilizando autores clássicos e contemporâneos da antropologia urbana, da antropologia visual e dos debates sobre representação etnográfica. O texto demonstra domínio bibliográfico, boa capacidade de articulação conceitual e uma escrita fluida, clara e adequada ao campo das Ciências Sociais. Destaca-se especialmente o esforço de aproximar a fotografia de rua da prática etnográfica, propondo a noção de “devir-imagético” como elemento articulador entre experiência urbana, visualidade e construção da alteridade. Trata-se de uma temática atual e pertinente, capaz de dialogar com discussões contemporâneas sobre produção do conhecimento antropológico, metodologias visuais e compartilhamento da autoria etnográfica. Entretanto, apesar das qualidades teóricas do manuscrito, observa-se que o texto assume predominantemente a forma de um ensaio conceitual. Embora a autora mencione práticas de pesquisa e experiências relacionadas à etnografia de rua, não há efetiva apresentação de material empírico que permita avaliar como os conceitos mobilizados operam concretamente em uma situação de pesquisa. A argumentação permanece em nível abstrato durante praticamente todo o manuscrito, sem a inclusão de fotografias, descrições etnográficas, relatos de campo ou análises de situações específicas que sustentem empiricamente as proposições desenvolvidas. Essa ausência reduz a força demonstrativa do argumento e faz com que algumas afirmações apareçam mais como possibilidades teóricas do que como resultados efetivamente construídos a partir de pesquisa. Também merece atenção o uso recorrente do conceito de “devir-imagético”, que ocupa posição central no texto, mas cuja definição conceitual permanece relativamente difusa. Em diversos momentos, o conceito aparece como categoria explicativa ampla, sem que seus contornos analíticos sejam suficientemente delimitados em relação a outras formulações da antropologia visual e dos estudos da imagem. O aprofundamento dessa discussão contribuiria para maior rigor teórico. Por fim, embora o texto proponha a fotografia compartilhada como deslocamento epistemológico importante, a discussão poderia beneficiar-se de um diálogo mais amplo com a literatura sobre metodologias participativas, antropologia colaborativa e produção compartilhada do conhecimento, fortalecendo a originalidade da contribuição. Salienta-se que se trata de um artigo teoricamente sólido, bem escrito e relevante para os debates contemporâneos da antropologia urbana e visual. Contudo, recomenda-se o fortalecimento da dimensão empírica da argumentação e uma maior delimitação conceitual de algumas categorias centrais para ampliar a consistência analítica do trabalho. Sugere-se revisar algumas referências que estão com o ano diferente do citado no texto.